

LAVAL, C. *A Escola não é uma empresa: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público*. Londrina: Editora Planta, 2004. 324 p.

Renata Luiza Costa¹

Christian Laval, intelectual francês, é sociólogo e especialista em história do pensamento liberal americano, também conhecido como militante contra a globalização liberal da educação e as diversas tentativas de mercantilização do ensino. Seu livro “A Escola não é uma empresa: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público” é a tradução brasileira, feita por Maria Luíza M. de Carvalho e Silva, do original “L’ecole n’est pas entreprise: le néo-libéralisme à l’assant de l’enseignement public”. A referida obra é fruto de profundas pesquisas e análises documentais dos documentos oficiais gerados por órgãos internacionais como a Comissão Européia e o Banco Mundial, dentre outros, e visa expor as relações ocultas entre os valores neoliberais e os discursos educacionais de desvalorização da escola e da família nos últimos quinze anos.

O livro é dividido em três partes: I – A Produção do Capital Humano a Serviço da Empresa; II – A Escola sob o Dogma do Mercado; e III – Poder e Gerenciamento na Escola Neoliberal, onde o autor explica, a partir da crise de legitimidade pela qual passa a escola, as raízes liberais dessa crise e suas repercussões negativas não só na escola como também nos valores humanos e familiares que têm se dissolvido afetando também a legitimidade do professor. O autor apresenta durante a obra como, sutilmente, o discurso dominante já arraigado na escola americana chega até a Europa e alcança até a resistente França. Demonstra também tendência de globalização do tal discurso fundamentado em argumentos de necessidade de renovação da escola, um discurso aparentemente humanista, mas com base em necessidades puramente utilitaristas da educação. Laval destaca que o interessante para a escola hoje, segundo o discurso neoliberal, é o “aprender a aprender” no sentido de ter “criatividade, desembaraço, flexibilidade e autonomia” no curso do trabalho, devendo a escola “abandonar tudo o que se pareça com uma “acumulação de saberes supérfluos”, pois, “o essencial repousa na capacidade do trabalhador de continuar a aprender o que lhe será útil profissionalmente” (p.49).

Na primeira parte o autor apresenta o crescente destaque dado à inteligência como “capital humano”, aquele capital de características humanas, racionais que se valoriza somente quando é útil ao mercado. O autor divide essa primeira parte em quatro capítulos explicitando o papel de órgãos internacionais que financiam programas a fim de engajar cada vez mais a relação utilitarista da escola-emprego e dissolver cada vez mais o papel cultural da escola. São apresentadas características de uma nova linguagem e nova gestão introduzidas no contexto escolar já calcadas nos interesses econômicos de tornar a escola mais eficaz (num sentido econômico da palavra) e com o papel de formar mão-de-obra para mover os setores industriais e comerciais. Para a palavra eficaz no discurso neoliberal, o autor traduz a escola como a empresa que produzirá gente capaz de atender ao mercado, na maior quantidade possível

num menor tempo, destacando a inutilidade do currículo cultural e intelectual posto até aquela data. Durante sua discussão, Laval conta sobre a decadência da escola americana já encarnada desde início do século XX no discurso liberal e de que forma isso chegou até a França.

A segunda parte do livro é dividida também em quatro capítulos, mas agora enfocados em apresentar a expansão da privatização escolar e do “mercado educativo” baseados num discurso muito bem articulado sobre as deficiências da administração pública e o direito dos pais em escolher a escola de seus filhos. Aqui o autor apresenta a base capitalista dos inúmeros produtos educacionais surgidos tão rápido nos últimos anos como, por exemplo, sistemas apostilados, treinamentos rápidos de métodos, educação a distância, produtos tecnológicos, patrocínio de grandes empresas em eventos de escolas públicas, dentre uma diversidade de produtos infiltrados no setor público educacional, todos argumentados com a necessidade de se ter resultados mais rápidos com o ensino a fim de atender o mercado, como se esse fator, empregabilidade, fosse o cerne da educação. Laval denuncia aqui a “uniformização das formas e conteúdos dos estudos” (p.117) como o entrelaçamento entre produtos educativos a serem comercializados e ainda um atendimento padronizado que sai mais barato para a escola na medida em que pode ser utilizado por inúmeros alunos e por muitos anos, sendo as diferenças, na prática, ignoradas pelo discurso neoliberal.

No último capítulo dessa parte, o autor destaca como o discurso neoliberal, ao mesmo tempo que entrelaça educação e mercado, rechaça o papel primeiro de intelectualização e formação integral pela escola, por discursar o quanto a escola se torna inútil se não for para atender ao mercado. Ao final, apresenta os efeitos negativos de fortalecimento das desigualdades sociais: “em todo lugar onde se desenvolveu uma lógica de concorrência, viu-se a expansão dos fenômenos segregacionistas” (p. 156), destacando o atendimento aos interesses da minoria elitista, além da relação entre desvalorização familiar e desvalorização do professorado.

Na terceira parte do livro, o autor detalha a invasão do discurso de “modernização da escola” fundado em princípios de gestão, especialmente taylorista. O autor desvela como o discurso neoliberal coloca a escola como a empresa que deve prover capital humano ao mercado de forma eficaz. Neste capítulo, o autor trata do discurso da modernização escolar, da descentralização de poderes e do novo gerenciamento educacional posto no discurso dominante como solução para os problemas escolares, querendo tornar os professores em meros administradores ou nem isso, quanto mais ausente melhor. Destacam-se aqui o estudo da diferença entre o que é democracia no discurso neoliberal e o que é democracia na escola intelectual, bem como o estudo da relação entre os novos postulados de educação familiar da criança-rei, da responsabilidade social das empresas, da gestão participativa e do consumismo. Assim, o autor explica a disseminação de valores capitalistas por todas as áreas da sociedade de forma a enraizá-los e promover a reprodução das condições capitais desde a instituição familiar.

Ao final, Laval apresenta as contradições do discurso da escola neoliberal, reforçando que a “escola é a única a poder fazer entrar na cultura escrita e erudita a grande massa de jovens” e destacando o papel fundamental das organizações internacionais em expandir pelo mundo a tragédia da escola americana.

Nas conclusões o autor coloca a escola neoliberal como uma empresa que tem como objetivo produtivo formar mão-de-obra, sob as mesmas regras das empresas com fins lucrativos, ou seja, com aligeiramento para formar mais em menos tempo, uso mais intenso de máquinas e equipamentos que tornem o processo educativo mais rápido e com menos intervenções, mais padronizado e menos custoso. O autor faz a relação dessa escola como empresa como sendo a formadora também dos próprios consumistas dela e dos produtos gerados por ela movimentando um ciclo capitalista muito bem articulado embasado no discurso da rápida mudança do mundo moderno. Características desse mundo moderno podem ser destacadas como o individualismo, forte competitividade entre escolas e alunos, flexibilidade e kit básico de ensino, já que seria sempre necessário estar no ciclo e na reciclagem da aprendizagem para manter-se no mercado. Laval diz que a visão capitalista empresarial instaurada na escola “reparte de fato os pais, os alunos e os professores, em ganhadores e perdedores” (p. 301). Nesse aspecto de escola-empresa não é só o papel da escola que é mudado mas, também, os valores familiares, pessoais e, essencialmente, o papel do professor. O autor diz que “os alunos não são os últimos afetados pela lógica da concorrência: o mercantilismo desacredita todo o discurso sobre os valores desinteressados da cultura, sobre as virtudes e a dignidade humana, sobre a igualdade de todos em face da herança cultural...” (p. 303).

Laval deixa claro que a consolidação dos ideais liberais na escola não trazem consequências somente ao seu âmbito. É algo que permeia toda a sociedade porque enfraquece desde valores familiares, respeito entre pais e filhos, o respeito e a responsabilidade do professor e até as razões individuais e de responsabilidade social de cada um, reduzindo toda ação a objetivos econômicos. Por outro lado, o autor diz que os ideais neoliberais não estão totalmente instaurados na sociedade, destacando o papel de resistência de grupos de professores e intelectuais que defendem o papel da escola emancipadora. Apesar das circunstâncias demonstrarem que está quase tudo perdido, o autor apresenta um otimismo da possibilidade de mudança mesmo com a forte tendência de globalização do discurso neoliberal.

O autor engendra esforço em clarear as relações ocultadas entre educação e comércio, gestão escolar e objetivos econômicos, desvalorização do professorado, valorização de tecnologias e objetivos econômicos, a fim de demonstrar que, embora o discurso oficial seja aparentemente humanista e demonstrar preocupação com os caminhos da escola, na realidade, eles buscam aprimorar a relação custo-benefício da escola pública. O autor deixa clara a busca pelos governos de como ofertar educação pública para mais alunos ao mesmo tempo de maneira menos dispendiosa possível. Para isso, apresenta as relações de gestão de metas trazidas da administração empresarial para a administração escolar, e o rápido aumento do uso de tecnologias digitais nas escolas.

Esse livro esclarece o quanto o discurso liberal é pernicioso para os objetivos primeiros da escola. Nele são apresentadas palavras e expressões sutis que passam despercebidas pela maioria das pessoas, mas caracterizam o discurso liberal, nos alertando quanto ao ouvir e refletir sobre discursos atuais. Desse modo, o livro apresenta um olhar crítico de como analisar as ações políticas educacionais no sentido de se valorizar a formação de cada indivíduo em prol de uma formação integral e não reduzi-la somente à formação profissional. Nessa perspectiva, são apresentados interesses da política liberal que estão disfarçados em tons sociais, mas que valorizam interesses individuais em detrimento dos coletivos.

Notas:

¹ Professora efetiva do IFG da área de informática. Realiza pesquisas voltadas para o desenvolvimento de sistemas usando softwares livres, educação e tecnologias, didática e formação de professores para educação a distância. Email: rldcosta@gmail.com

Recebido em: 24.02.2014

Publicado em: 31.12.2015